

Grupos de orientação de pais: estratégias para intervenção¹

Parent orientation groups: strategies towards intervention

Maria Benedita Lima Pardo, Margarida Maria Silveira Britto de Carvalho

Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Psicologia.

Rodovia Marechal Rondon, s/n, São Cristóvão, SE, Brasil

pardombl@hotmail.com, margaridabritto@bol.com.br

Resumo. Esse trabalho relaciona-se à prevenção de problemas de desenvolvimento, pois se dirige a pais de crianças que apresentam queixas escolares ou de comportamento inscritas para tratamento psicoterapêutico no Serviço de Psicologia Aplicada vinculado à Universidade Federal de Sergipe. Neste artigo é apresentado um levantamento de queixas referidas por mães que frequentaram um grupo de orientação, cuja finalidade foi atender a essa população, analisando-a segundo a teoria bioecológica de Bronfrenbrenner. Seis mães participaram de oito encontros nos quais foram discutidos temas relacionados às queixas e a aspectos do desenvolvimento infantil, além de sessões lúdicas com seus filhos. Os resultados obtidos das entrevistas iniciais e finais e dos registros das sessões revelaram que as mães identificaram melhora nas queixas apresentadas, relacionando-a a alterações em seus próprios comportamentos face às temáticas trabalhadas no grupo de orientação.

Palavras-chave: mães, grupos de apoio, ambientes sociais.

Abstract. This work relates to the prevention of developmental problems, since it is addressed to parents of children with school problems or behavioral disorders who entered for psychotherapeutic treatment at the Department of Applied Psychology, linked to the Federal University of Sergipe. A survey of complaints is presented in this article and these were reported by mothers who attended a steering group whose purpose was to serve this population, analyzing them according to Bronfrenbrenner's bioecological theory. Six mothers participated in eight meetings in which issues related to the complaints were discussed, the aspects of child development, as well as play sessions with their children. The results of the initial and final interviews and records of the sessions revealed that mothers identified improvement in complaints, relating it to changes in their own behavior in relation to themes worked in the steering group.

Key words: mothers, support groups, social environment.

¹ Este trabalho conta com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Sergipe- PIBIX/PROEX/UFS.

Introdução

Nos últimos anos, tem sido crescente o interesse pelo desenvolvimento de trabalhos com pais e com famílias no contexto da Educação e da Psicologia, conforme assinala Omote (1998). Segundo Dessen e Pereira da Silva (2004), têm sido cada vez mais comuns as parcerias com a família no planejamento de programas de intervenção, não apenas na área de Saúde, como em outros setores. Assim, a família tem se tornado uma parceira, tanto beneficiária quanto prestadora de serviços de proteção e inclusão social.

A orientação de pais tem se constituído em uma estratégia muito utilizada com famílias para discutir princípios, questões de relacionamento e também treinar os pais para um melhor desempenho no que se refere à educação dos filhos (Pardo e Carvalho, 2011; Bolsoni-Silva *et al.*, 2008b; Coelho e Murta, 2007). O treinamento de pais se insere nessa linha de trabalho.

McMahon (1999) apresenta um histórico sobre o desenvolvimento do treinamento de pais (TP), abordagem comportamental dos problemas relacionados aos filhos, trazidos à clínica pelos pais. A primeira etapa de desenvolvimento do TP, que ocorreu na década de 1960 e início dos anos 1970, preocupava-se com a construção de um modelo de intervenção, procurando determinar um enfoque viável para enfrentamento de uma variedade de problemas. Utilizava o terapeuta como consultor dos pais, os quais trabalhariam diretamente com a criança.

A segunda etapa ocorreu de meados da década de 1970 ao início da década de 1980, e esteve preocupada com a demonstração da generalização dos efeitos do treinamento. A terceira etapa, a partir da década de 1980, passou a dedicar-se ao aumento da generalização e à validade das intervenções por meio da ampliação do modelo para uma *terapia comportamental familiar*. Esse modelo representou uma tentativa de reconhecer e incorporar ao tratamento a multiplicidade de variáveis dos filhos e dos pais, as quais podem estar envolvidas no desenvolvimento e na manutenção dos problemas de comportamento. Dentre elas, pode-se mencionar o ajuste pessoal dos pais e suas percepções sobre a criança, bem como as características dela, como o temperamento e o estilo.

A orientação psicanalítica também tem se preocupado com o papel dos pais em relação ao desenvolvimento saudável de seus filhos. Segundo Motta (2006), os estudos sobre as

funções parentais revelaram seu valor incontestável para facilitar o complexo percurso da criança em direção à maturidade. Trabalhos realizados com mães, nos Estados Unidos, têm evidenciado a importância de suas funções face à dependência da criança. Um aspecto básico é o acesso às potencialidades das mães como um instrumento para o tratamento de seus filhos de dois a três anos. A autora também destaca a relevância de grupos de pais realizados na Argentina, os quais os estimulam a desempenharem a função masculina na família.

Oaklander (1980), psicoterapeuta que trabalhou com a abordagem gestáltica, menciona a dificuldade e, em alguns casos, a impossibilidade de desenvolver um trabalho com a criança sem envolver a família. Para ela, a presença dos familiares revela a dinâmica dos relacionamentos daquela família e favorece a compreensão das razões pelas quais a criança foi culpabilizada pelo problema trazido como queixa. Assim, propõe que no decorrer da psicoterapia infantil pelo menos algumas sessões incluam a presença de familiares. Aguiar (2005), trabalhando na mesma perspectiva teórica, confirma a importância do acompanhamento familiar ou dos responsáveis para a facilitação do processo terapêutico infantil.

No Brasil têm se multiplicado os trabalhos que enfocam as relações pais-filhos e o treinamento de pais. Dentre os estudos que buscam melhor compreender a recíproca influência das interações pais-filhos, o de Bueno e Moura (2009) abordou a interação mãe-filho em situação lúdica, de forma a analisar as variáveis que poderiam explicar o comportamento opositor dessas crianças. Nas sessões de observação realizadas, foi constatado que as mães emitiram frequência bem maior de críticas do que elogios aos comportamentos das crianças. Tal resultado está de acordo com o que a literatura já vem afirmando sobre o efeito da atuação coercitiva dos pais no surgimento e permanência do comportamento opositor de seus filhos (Weber, 2005; Severe, 2000).

Bolsoni-Silva e Loureiro (2011) compararam práticas educativas parentais e comportamento de crianças distribuídas em dois grupos: um deles foi considerado clínico (com problemas de comportamento) e outro, não clínico (sem problemas de comportamento), tendo, como fonte de informações, os relatos das mães. Os resultados evidenciaram que no grupo não clínico as mães apresentaram-se mais comunicativas e afetuosas, e seus filhos apresentaram maior variabilidade de habilidades sociais.

As autoras hipotetizam que esse relacionamento positivo favorece a obtenção de obediência por parte da criança quando as mães necessitam estabelecer limites, diferentemente do grupo clínico, no qual as mães relataram menos obediência por parte de seus filhos.

Além dos estudos que buscam entender as variáveis envolvidas nas relações pais-filhos e seus efeitos nos comportamentos das crianças, outros estão direcionados para a avaliação de programas de treinamento de pais. Lambertucci e Carvalho (2008) avaliaram a eficácia de um programa de treinamento enfocando as relações familiares e seu caráter bidirecional. Seus resultados apontaram para a eficácia do programa na redução de condutas agressivas e impulsivas apresentadas pelos filhos. Tais mudanças estariam relacionadas a alterações comportamentais dos pais em função da intervenção, na qual foram trabalhadas condutas assertivas e pró-sociais. As autoras também alertam para a necessidade de acompanhamento longitudinal, de forma a avaliar a permanência das alterações obtidas, após o encerramento do programa.

Bolsoni-Silva *et al.*, (2008a) mensuraram, por meio de três instrumentos de avaliação, os efeitos de um programa de intervenção com pais com dificuldades de interação social com os filhos. Suas análises revelaram aumento do repertório de habilidades sociais e educativas das mães com resultados positivos em habilidades como comunicação, expressividade e estabelecimento de limites. Do ponto de vista das crianças, as novas habilidades parentais possibilitaram redução de problemas de comportamento e aumento de respostas socialmente habilidosas.

O funcionamento do grupo de orientação

O trabalho de intervenção sobre o qual foi desenvolvido este artigo se dirige a pais de crianças que apresentam queixas escolares ou de comportamento. Por esse motivo, são inscritas para tratamento psicoterapêutico no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, que atende a uma demanda de crianças, adolescentes e adultos.

Um levantamento preliminar revelou que mais de cinquenta por cento das demandas de atendimento do SPA estavam relacionadas a casos infantis (Carvalho, 2006). Outro aspecto preocupante dessa situação, detectado

no decorrer dos atendimentos psicoterapêuticos, é o frequente desconhecimento, por parte dos familiares, a respeito das características do desenvolvimento infantil, bem como das influências dos ambientes sobre o comportamento da criança. Tal desconhecimento levava os pais, em sua maioria, a atribuírem exclusivamente à criança a responsabilidade sobre os problemas que estavam apresentando e a colocarem rótulos negativos em relação a ela, o que poderia agravar ainda mais o problema. Diante desse quadro, optou-se por desenvolver uma forma de atendimento que pudesse fornecer suporte a essas famílias que demandam apoio psicológico. Assim, surgiu a iniciativa dos grupos de orientação a pais, oferecidos em todos os semestres.

O atendimento a pais nos grupos de orientação (GO) vem sendo realizado desde 2004, com ofertas duas vezes ao ano. O número de participantes por grupo tem variado de quatro a oito, sendo a frequência variável no decorrer dos encontros. Como a população atendida é economicamente carente, muitas vezes se deparam com dificuldades financeiras para seu deslocamento e a conseqüente participação nas reuniões do grupo.

Embora o GO seja destinado aos pais, na prática, as mães, avós, tias e até irmãs das crianças têm comparecido. Isso ocorre, em parte, devido ao horário de funcionamento do SPA, que é diurno e no decorrer da semana.

O GO tem funcionado com uma programação semanal de oito encontros, com duração de uma hora cada um deles, nos quais se busca, primeiramente, fazer um levantamento dos problemas e temas de interesse para serem discutidos e trabalhados. Sempre que o problema se refere ao comportamento da criança, as mães são solicitadas a realizarem observações em casa e trazerem relatos sobre esses comportamentos e sobre as pessoas que se envolveram neles, seja no ambiente de casa ou em outros espaços, como a casa de parentes. Tais exemplos são apresentados e discutidos pelo grupo no encontro seguinte, estimulando-se a troca de experiências entre as mães. Nesse contexto, é comum que outra mãe dê sua opinião sobre o que aconteceu ou forneça exemplo de situação semelhante que vivenciou e como agiu diante da mesma. Desse modo, as mães vão revendo suas formas de pensar e de agir com os filhos a partir de informações provenientes de pessoas que estão em situações semelhantes às delas. Sempre que necessário, ou quando solicitado, as

coordenadoras do grupo fornecem informações sobre psicologia do desenvolvimento, como funcionam as relações comportamento-ambiente e certos princípios (como o respeito mútuo, o saber escutar) que favorecem o bom relacionamento entre pais e filhos.

O funcionamento dos vários GOs mostrou resultados positivos de duas naturezas: em relação ao modo como as mães agiam com a criança, bem como em relação à autopercepção das próprias mães (Pardo e Carvalho, 2005; Pardo e Carvalho, 2007; Pardo e Carvalho, 2008). A esse respeito, Araujo (2004), ao analisar o programa de orientação que desenvolveu para mães de adultos portadores de deficiência, já havia destacado que “o relato das mães revelou que o que mais mudou foi sua relação com o filho portador de deficiência” (p. 176). Essa mesma autora também ressaltou a importância do suporte social fornecido pelo grupo, além “do resgate da autoestima dessas mães ao reconhecerem que podem promover mudanças significativas em seus filhos e em si mesmas” (p. 176).

A experiência de sete anos com os GOs tem levado as autoras a buscar aperfeiçoar seu funcionamento, bem como a sistemática de coleta e de análise de dados.

Para o funcionamento do GO, há necessidade de um adequado levantamento das necessidades e interesses dos pais, de forma que os assuntos tratados nos encontros do grupo sejam relevantes para as questões que os preocupam. Esse levantamento, já defendido por Colnago (2000), também é útil para estabelecer um relacionamento mais igualitário entre pais e orientadores, uma vez que a partir dele as decisões sobre os temas que serão tratados poderão ser compartilhadas.

Do ponto de vista da orientação das discussões do grupo torna-se importante a adoção de uma sistemática de condução que auxilie os pais a estabelecerem relações entre os fatores presentes nos diversos ambientes que a criança frequenta e os seus comportamentos, além daqueles fatores que podem afetá-la indiretamente. A abordagem bioecológica de Bronfenbrenner (1996) fornece o suporte teórico para esse tipo de análise. Tal abordagem prevê a existência de um conjunto de sistemas interconectados, uns englobando os outros, a partir dos quais é possível estudar as influências que o indivíduo recebe e produz nos diferentes contextos. Considera desde os mais próximos (como a família e a escola) até os mais remotos (como a influência dos

ambientes que os pais frequentam) e os valores culturais e morais presentes na sociedade. Vários estudos com famílias têm adotado essa abordagem (Araujo, 2001; Inforsato, 2001; Colnago, 2000).

No atendimento aos Gos, parte-se da análise de fatores presentes nos microsistemas em que a criança está inserida, em especial sua casa. Entretanto, não são desconsiderados os outros espaços, tal como a escola, à medida que informações relacionadas a eles surjam como relevantes no decorrer das análises sobre as questões expostas pela família. Também se procura dar espaço para a identificação e a discussão sobre modos de pensar e valores quanto à educação trazidos pelos participantes do grupo, que representam influências do macrosistema.

Este trabalho tem como objetivos apresentar o levantamento inicial das queixas referidas pelas mães que se inscreveram em um GO, durante o ano de 2010, e descrever os efeitos do trabalho realizado em relação aos comportamentos da criança, segundo o relato das mães. Também serão apresentadas as mudanças que as mães perceberam em si e suas avaliações sobre o funcionamento do grupo.

Metodologia

Participantes

O GO iniciou com a participação de oito mães, de baixo nível socioeconômico, escolaridade até o Ensino Médio, idades variando de 25 a 48 anos, cujos filhos tinham entre seis e dez anos de idade. No decorrer de seu funcionamento, duas das mães compareceram a menos de 50% dos encontros e, por essa razão, seus resultados não serão apresentados.

Considerações éticas

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Sergipe, como consta do protocolo N^o CAAE-0014.0.107.000-10.

Ao serem convidadas para participar do GO, as mães foram esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa e seus direitos quanto ao sigilo de sua identidade e à liberdade de não mais participarem no momento em que assim o desejassem. Após os esclarecimentos, todas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Procedimento para coleta dos dados

Foram realizadas entrevistas individuais com as mães, utilizando-se um roteiro pelo qual eram levantadas informações sobre o comportamento da criança nos diversos ambientes que frequentava, bem como das demais pessoas neles presentes, e quais os problemas que aí surgiram. A aplicação do roteiro deu-se de modo semiestruturado, buscando-se permitir que as mães fizessem outras colocações que considerassem relevantes.

Ao final dos encontros, foi utilizado outro roteiro pelo qual as mães avaliaram as mudanças ocorridas no comportamento das crianças e em seu próprio comportamento. Nessa mesma ocasião foi solicitado que avaliassem o funcionamento do grupo.

Também foram feitos registros, por meio de gravações, das discussões desenvolvidas no decorrer de cada encontro do grupo.

Todas as atividades do GO foram conduzidas por uma professora supervisora, auxiliada por duas alunas do último ano do curso de Psicologia da referida Universidade.

Procedimento para análise dos dados

As informações obtidas nas entrevistas e nos registros gravados nos encontros foram submetidas à análise de conteúdo (Bardin, 2004). Os resultados foram agrupados nas seguintes categorias: a) comportamentos-problema infor-

mados; b) melhora percebida nesses comportamentos; c) alterações na atuação das mães e d) aspectos do funcionamento do grupo.

Resultados

O Quadro 1 mostra uma síntese das queixas relatadas pelas mães e evidencia que a maioria das queixas estava relacionada à dificuldade no controle do comportamento da criança, o que também se expressa em outros termos utilizados, tais como, desobediência, rebeldia e comportamento nervoso. Pesquisas têm mostrado que a desobediência excessiva constitui um comportamento-chave para o desenvolvimento de outros comportamentos-problema manifestos, tais como agressão e outros tipos de comportamentos antissociais ou furtivos, como mentir. Além disso, levantamento realizado por McMahon (1999) revelou que quando a desobediência é objeto de tratamento, frequentemente ocorrem melhoras concomitantes a outros comportamentos.

Esse levantamento de queixas mostrou que, com relação aos ambientes em que o problema surgia, houve predominância da casa. Para dois dos casos (M2 e M4), a escola também foi citada. Com relação a outros espaços, duas das mães citaram a casa de avós, tios ou parentes do pai como aqueles onde, em suas opiniões, o comportamento da criança mudava numa direção que elas não desejavam. Por exemplo: segundo M1, na casa dos avós

Quadro 1. Queixas apresentadas sobre os comportamentos das crianças e os ambientes onde ocorriam

Chart 1. Mother's complaints about their children behaviors and the environments where they emerge.

Idade da criança	Mãe	Queixas	Ambiente onde aparece.
9	M1	Desatenção, desempenho escolar, rebeldia.	Em casa e na casa dos avós paternos.
6	M2	Desempenho escolar, dificuldade no controle da criança.	Em casa e na escola.
8	M3	Dificuldade no controle da criança.	Em casa.
5	M4	Comportamento nervoso, choro da criança.	Em casa e na escola.
7	M5	Influência do ex-marido e seus familiares.	Na casa do ex-marido (pai da criança) e dos parentes dele.
3	M6	Desobediência da criança.	Em casa.

Nota: M1, M2... M6 = Mãe 1, Mãe 2... M6.

paternos a criança tinha mais liberdade, tornava-se menos obediente, era “colocada contra a mãe”. M5 relatou que seu filho recebia maus exemplos e orientações na casa dos parentes de seu ex-marido. Desse modo, essas mães afirmavam desejar mudanças nesses ambientes no sentido de a criança se comportar do modo como esperavam.

Deve-se destacar que, em relação à escola, as mães forneceram poucas informações. Quando se perguntou como era esse ambiente, as únicas informações se relacionavam ao que a professora falou sobre a criança (M2, M4 e M5).

No decorrer dos encontros, foram realizadas discussões sobre as temáticas levantadas pelas mães, que se relacionavam às queixas apresentadas. O orientador do grupo estimulava-as para que verbalizassem suas experiências e pontos de vista em relação ao assunto ou situação abordada. Por exemplo, com relação à situação de desobediência, cada mãe expressava como havia vivenciado e atuado diante dela. A troca de informações era mediada pelo orientador que buscava valorizar as condutas adequadas e estimular a reflexão sobre as inadequadas, de modo que o grupo buscasse alternativas para as mesmas. Para reflexão sobre condutas a serem modificadas, eram utilizados exemplos da vida cotidiana das próprias mães, fatos ocorridos com elas, nos quais pudessem reconhecer efeitos reforçadores ou aversivos apresentados por outras pessoas. A seguir, passava-se a mostrar que tais efeitos também estavam presentes em suas interações com os filhos. Buscava-se, desse modo, tornar mais visível o processo de influência das ações de uma pessoa sobre a outra.

Regras eram discutidas a partir de sua classificação em termos do que absolutamente não era permitido, do que era permitido às vezes e do que sempre era permitido. Para tanto, eram utilizados marcadores com diferentes cores que ajudavam a fixar a atenção nas regras em discussão e nas situações em que poderiam ser flexibilizadas. A classificação das regras de acordo com os marcadores também funcionava como um fator motivacional para a participação ativa das mães, retirando dessa discussão o peso de um caráter muito pedagógico.

Sessões de brincadeiras com os filhos foram introduzidas, durante as quais eram observadas as interações mãe-criança. Essas observações eram posteriormente utilizadas para discussões sobre a importância da atenção da mãe para com o filho, dos prazeres de poder interagir, de modo descompromissado

e divertido, com a criança. Também possibilitavam que as mães fizessem autorrelatos sobre suas dificuldades de interação ou sobre os aspectos positivos de tais atividades, as quais estavam relativamente esquecidas.

Ao final do grupo as mães avaliaram as mudanças ocorridas nos comportamentos-problema das crianças. Quatro delas indicaram que o comportamento da criança melhorou regularmente. Uma afirmou que melhorou muito e outra, que melhorou pouco. Dentre os aspectos que apresentaram melhora, foram citados o fato de a criança ter ficado mais calma e a melhora no relacionamento com os familiares.

A respeito das mudanças ocorridas em relação a elas mesmas, o depoimento mais frequente (cinco das mães) se relacionou a parar de gritar e de bater na criança. Essas mães relacionaram tal alteração de comportamento com o fato de terem conseguido parar para pensar e serem mais pacientes. Duas delas relataram ter aprendido a escutar e a conversar; uma disse que aprendeu a se controlar e a elogiar a criança e outra, que havia aprendido a respeitar a criança.

A esse respeito foram obtidos os seguintes depoimentos:

“Procuro levar o que aprendo no grupo para meu marido, que precisa também mudar”;

“Estou mais calma, procuro ouvir mais meus filhos”;

“Antes trabalhava muito com o “se”, agora entendo que preciso ser mais objetiva, então apresento uma regra que precisa ser cumprida”;

“Hoje lido melhor com meus filhos, procuro não gritar com eles”.

Araújo (2001) também encontrou resultados relacionados a mudanças no comportamento das mães. Além de relatarem estar mais calmas e confiantes quanto à educação dos filhos, também referiram estar pensando mais em si mesmas, arrumando-se para sair e desenvolvendo atividades de lazer que estavam esquecidas. Por sua vez, Colnago (2000) verificou que o nível de estresse relatado por mães de bebês portadores da Síndrome de Down diminuiu no decorrer dos encontros do grupo, e a maior tranquilidade foi por elas atribuída às informações sobre a Síndrome, às orientações sobre estimulação da criança e ao suporte fornecido pelo grupo.

Em relação ao funcionamento do grupo, todas as mães relataram ter aprendido muito. Elogiaram a boa convivência que esse havia proporcionado por meio das trocas de informações e de experiências.

Discussão

Os problemas relatados por essas mães revelaram que a maioria delas necessitava receber informações sobre as características da fase de desenvolvimento em que seus filhos se encontravam. Precisavam também discutir sobre as estratégias de controle do comportamento da criança. O estabelecimento de limites para o comportamento em casa é outro aspecto que emergiu como importante, uma vez que as regras devem ser estabelecidas de modo claro, em ambiente amistoso e de forma igualitária para todos os membros da família. Essas medidas favorecem a obediência (Severe, 2000). Conversar com a criança sobre seu bom comportamento em ambientes distintos do lar também é uma estratégia que pode favorecer o estabelecimento de limites.

“Os pais se preocupam profundamente com suas crianças e querem ser bons pais” (Campbell e Palm, 2004, p. 7). Esse é um dos pressupostos sobre os quais se baseiam os grupos de educação de pais com os quais esses autores trabalham e que apresentam aspectos de funcionamento semelhantes aos GOs aqui referidos.

Assim, o funcionamento do GO baseia-se no princípio de que, mesmo ao errar em seus procedimentos, as mães e os pais estão tentando acertar na educação dos filhos. Como pode ser observado pelos relatos das mães nas sessões de orientação, faltavam-lhes informações importantes em relação ao desenvolvimento infantil, quanto ao uso de procedimentos educativos mais efetivos e também em relação às condições oferecidas por ambientes que a criança frequentava, tais como sua própria casa, a escola ou a casa de parentes. Dessa forma, estratégias do GO estiveram direcionadas para trabalhar com essas informações, buscando incentivar as mães a aplicar tais conhecimentos nos espaços em que conviviam com seus filhos, em acordo com a abordagem bioecológica (Bronfenbrenner, 1996).

As sessões de brincadeira, em que as mães interagiam com seus filhos, foram de grande importância, pois revelaram aspectos da dinâmica dos relacionamentos, conforme já havia sido mencionado por Oaklander (1980). Em vários casos, ficou evidente a ausência de interações positivas e também a presença de instruções rígidas e de falas aversivas, que alteravam o clima prazeroso da situação lúdica. Algumas mães relataram ter descoberto a importância daqueles momentos para se aproxima-

rem de seus filhos, confirmando a relevância desse tipo de atividade.

A organização e a oferta de grupos de orientação de pais visavam atender a uma demanda de clientes de uma clínica-escola. Essa população encontrava-se em sofrimento psicológico, pois havia preocupações de várias naturezas em relação aos filhos, tais como, “será meu filho normal?”, “terá uma solução esse problema que estou vivendo?”. Nesse contexto, o GO representou um acolhimento que visava fornecer suporte e esclarecimento inicial sobre os fatores, presentes nos diferentes ambientes, relacionados aos problemas que as mães traziam. Os relatos das mães participantes confirmaram a função de apoio do GO.

Contribuir para o bem-estar psicológico das pessoas constitui-se em trabalho de grande relevância social. Muitas vezes, evita que o problema se torne mais grave e a pessoa necessite procurar recursos mais sofisticados e caros. Os GOs têm mostrado essa potencialidade. Além de tornar as mães mais tranquilas e seguras com relação aos procedimentos educativos que estavam usando, também as beneficiou enquanto pessoas. Muitas delas relataram que se sentiam modificadas para melhor.

Este estudo apresenta algumas limitações. Uma delas refere-se à mensuração de alterações no comportamento das crianças que possam ser relacionadas às mudanças relatadas pelas mães. Para tanto, pretende-se utilizar instrumentos padronizados que avaliem tais mudanças. Outra limitação se refere ao pequeno número de participantes, o que inviabiliza generalizações. Apesar disso, os resultados recomendam a continuidade dessa iniciativa, pois essa se insere numa linha de prevenção de problemas mais graves.

Referências

- AGUIAR, L. *Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática*. Campinas, Livro Pleno, 2005, 326 p.
- ARAUJO, E.A.C. 2001. *Programa de orientação de mães para a integração social de adultos portadores de deficiência mental*. São Carlos, SP. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 230p.
- ARAUJO, E.A.C. 2004. *Parceria família-profissional em Educação Especial: promovendo habilidades de comunicação efetiva*. In: E.G. MENDES; M.A. ALMEIDA; L.C.A. WILLIAMS (Orgs.) *Temas em Educação Especial: avanços recentes*. São Carlos, Edufscar, p.175-178.
- BARDIN, L. 2004. *Análise de conteúdo*. 3ª Ed. Lisboa, Edições 70, 223 p.
- BOLSONI-SILVA, A.T.; SILVEIRA, F.F.; RIBEIRO, D.C. 2008a. *Avaliação dos efeitos de uma inter-*

- venção com mães/cuidadoras: contribuições do treinamento em habilidades sociais. *Contextos Clínicos*, **1**(1):19-27.
- BOLSONI-SILVA, A.T.; SILVEIRA, F.F.; MARTURANO, E.M. 2008b. Promovendo habilidades sociais educativas parentais na prevenção de problemas de comportamento. *Rev. bras. ter. comport. cogn.*, **10**(2):125-142.
- BOLSONI-SILVA, A.T.; LOUREIRO, S.R. 2011. Práticas educativas parentais e repertório comportamental infantil: comparando crianças diferenciadas pelo comportamento. *Paidéia*, **21**(48):61-71.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2011000100008>
- BRONFENBRENNER, U. 1996. *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas, 267 p.
- BUENO, A.C.W.; MOURA, C.B. 2009. Comportamentos de mães em interação lúdica com seus filhos pré-escolares que apresentam comportamento opositor. *Contextos clínicos*, **2**(1):51-58.
<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2009.21.06>
- CARVALHO, M.M.S.B. 2006. *Relatório técnico apresentado pela coordenação do Serviço de Psicologia Aplicada*. São Cristóvão, UFS, não publicado.
- COELHO, M.V.; MURTA, S.G. 2007. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. *Estud. psicol.*, **24**(3):333-341.
- COLNAGO, N.A.S. 2000. *Orientação para pais de crianças com Síndrome de Down: elaborando e testando um programa de intervenção*. Ribeirão Preto, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 166 p.
- CAMPBELL, D.; PALM, G.F., 2004. *Group parent education: promoting parent learning and support*. California, Sage Publications. 250 p.
- DESSEN, M.A.; PEREIRA-SILVA, N.L. 2004 A família e os programas de intervenção: tendências atuais. In: E.G. MENDES; M.A. ALMEIDA; L.C.A. WILLIAMS (Orgs.) *Temas em Educação Especial: avanços recentes*. São Carlos, Edufscar. p.179-187.
- INFORSATO, F.A.F 2001. *Interação da escola e a família: considerações a partir de uma abordagem ecológica*. Araraquara, SP. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. 172 p.
- LAMBERTUCCI, M.R; CARVALHO, H.W. 2008. Avaliação da efetividade terapêutica de um programa de treinamento de pais em uma comunidade carente de Belo Horizonte. *Contextos Clínicos*. **1**(2):106-112.
<http://dx.doi.org/10.4013/ctc.20082.06>
- McMAHON, R.J. 1999. Treinamento de pais. In: V.E. CABALLO (Org) *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. São Paulo, Santos Editora, p. 399-422.
- MOTTA, I.F. 2006 *Orientação de pais: novas perspectivas no desenvolvimento de crianças e adolescentes*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 214 p.
- OAKLANDER, V. 1980. *Descobrendo crianças*. A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo, Summus Editorial, 362 p.
- OMOTE, S. 1998. Famílias de deficientes: estudos relatados em dissertações e teses. In: M.C. MARQUEZINE; M.A. ALMEIDA; E.D.O. TANAKA; N.N.R. MORI; E.M. SHIMAZAKI (Org) *Perspectivas multidisciplinares em Educação Especial*. Londrina, Ed. UEL, p. 125-129.
- PARDO, M.B.L.; CARVALHO, M.M.B.S. 2005. Orientação familiar e a prevenção de necessidades educacionais especiais. In: CBEE - CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, II, São Carlos, 2005, *Anais*, CD.11 p.
- PARDO, M.B.L.; CARVALHO, M.M.B.S. 2007. Orientação familiar e a prevenção de deficiências. In: SBP - Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, XXXVII, Florianópolis, 2007, *Anais*, CD. 2 p.
- PARDO, M.B.L.; CARVALHO, M.M.S.B. 2008. Orientação familiar e a prevenção de necessidades educacionais especiais. In: E.G. MENDES; M.A. ALMEIDA; M.C.P.I. HAYASHI (Orgs.). *Temas em Educação Especial: conhecimentos para fundamentar a prática*. Araraquara, Junqueira & Marin Editores, p. 202-212.
- PARDO, M.B.L.; CARVALHO, M.M.S.B. 2011. Grupo de orientação de mães no contexto de uma clínica-escola. *Paidéia*, **21**(48):93-100.
- SEVERE, S. 2000. *A educação pelo bom exemplo*. Rio de Janeiro, Campus, 249 p.
- WEBER, L. 2005. *Eduque com carinho*. Curitiba, Juruá, 192 p.

Recebido: 02/03/2012
Aceito: 17/08/2012